SILVEIRA, Diego Soares da. 2012. *Redes sociotécnicas na Amazônia: tradução de saberes no campo da biodiversidade*. Rio de Janeiro: Multifoco. 375 pp.

Mônica Celeida Rabelo Nogueira
UnB

Mundos que engenhosamente se articulam e, ao mesmo tempo, inquirem-se uns aos outros. Três planos de fuga, três realidades simultâneas. Tetos se convertem em paredes, portas em alçapões, escadas conectam mundos com perspectiva e gravidade próprias, sem uma ordem previsível. Os sujeitos que aí estão habitam seus próprios mundos e parecem não suspeitar da existência de outros. Esse é o plano geral de *Relatividade* (1953), uma das litogravuras mais intrigantes de Escher (1898-1970), mas bem poderia ser a descrição metafórica da análise construída por Diego Soares da Silveira sobre redes sociotécnicas na Amazônia.

A etnografia ou, como destaca o prefaciador da obra, Henyo Trindade Barreto Filho, a multigrafia multissituada realizada por Silveira enfoca mais especificamente duas iniciativas de pesquisa envolvendo o "acesso à biodiversidade e aos conhecimentos tradicionais associados" na Amazônia – termos aqui destacados entre aspas, numa antecipação dos deslocamentos e dos estranhamentos operados pelo autor sobre os diferentes sentidos atribuídos a esta expressão e seus componentes por pesquisadores, comunidades ribeirinhas e indígenas, técnicos de organizações não governamentais e do governo e membros de conselho público relacionado ao tema, o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN).

Redes sociotécnicas na Amazônia é a versão reformulada da tese de doutoramento de Silveira, defendida em 2011, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília e publicada como livro em 2012. Como Escher, Silveira explora a coexistência de diferentes realidades emergentes de laboratórios, comunidades e escritórios. Coerente com essa perspectiva, abdica de formulações totalizadoras sobre as situações descritas e estudadas, encorajando os leitores a deslocamentos reveladores dessas realidades simultâneas, paradoxalmente incomensuráveis e conectadas entre si.

Ambas as iniciativas de pesquisa, objetos da multigrafia de Silveira, se orientam por esforços de diálogo entre a ciência ocidental e os conhecimentos tradicionais, constituindo-se, em maior ou menor grau, em campos de intercientificidade. A primeira envolve uma rede de laboratórios de farmacologia,

bioquímica e produtos naturais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), ao lado de uma comunidade ribeirinha na região do Alto Amazonas, visando à bioprospecção de plantas medicinais amazônicas para a produção de fitoterápicos. A segunda iniciativa, por sua vez, articula esforços do Instituto Socioambiental (ISA) e da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) em torno de pesquisas de caráter participativo, envolvendo pesquisadores indígenas e não indígenas e o uso de métodos das etnociências, com vistas a promover o desenvolvimento sustentável no âmbito da bacia hidrográfica do rio Negro.

De acordo com as proposições teórico-metodológicas da Antropologia Simétrica, Silveira realiza cuidadosas etnografias destes dois casos, perseguindo as *redes* de associações estabelecidas por seus respectivos atores nos diferentes ambientes que as compõem (laboratórios, roças, matas, malocas e repartições públicas), num mesmo movimento de compreensão das práticas de conhecimento operadas por comunidades e pesquisadores. Observa, ouve e registra de maneira densa as enunciações desses atores, sem pretender revelar estruturas ocultas ou subjacentes a elas. Afinal, não se trata de colocá-las lado a lado para concluir que são iguáveis, mas sim para reconsiderar os termos da diferença. O que Silveira postula, amparado pelo diálogo com um amplo círculo de teóricos, é que pesquisadores e comunidades tradicionais se debruçam sobre múltiplos “objetos” híbridos (porque simultaneamente humanos e não humanos, naturais e sociais) produzidos por suas práticas de conhecimento. Dito de outro modo, a biodiversidade, objeto que pode parecer, à primeira vista, comum às redes etnografadas por Silveira, revela-se múltipla em suas manifestações, não apenas epistemologicamente (ou seja, no plano do pensamento, das representações), mas ontologicamente (no plano da experiência, da própria existência dos atores que a engendram).

Articulando a Teoria Ator-Rede[1] às proposições filosóficas de Martin Heidegger, de orientação fenomenológica, Silveira exorciza o objetivismo científico ao afirmar a multiplicidade de mundos todos “possíveis, ‘reais’ e ‘verdadeiros’” (:32) ou, em termos heideggerianos, a multiplicidade de formas de *estar-no-mundo*. O exercício de Antropologia Simétrica radicaliza-se, assim, na negação da existência de um mundo objetivo, a ser apreendido e representado, de modo mais ou menos eficaz, por diferentes sistemas de conhecimento. As formulações teóricas de Silveira o levam aos limites da ciência, tensionando o próprio fazer antropológico, como tributário da história e das práticas de conhecimento ocidental. Atento a essa contradição, o autor empenha-se em garantir a suspensão de “qualquer pressuposto de superioridade epistemológica

do discurso antropológico sobre a fala e o pensamento nativo" (:22), em favor de uma imersão nas ontologias nativas constitutivas das redes sociotécnicas na Amazônia, minuciosamente estudadas por ele.

É com essa abertura epistemológica que Silveira mergulha no mundo de estudantes e pesquisadores de ciências farmacêuticas da UFAM, observando suas práticas científicas nas bancadas dos laboratórios (secagem e processamento, cromatografia, fracionamento e produção de extratos, testes de bioatividade *in vitro* e *in vivo*), bem como suas práticas de ordenação, distribuição e objetivação científica no processo de transformação da planta em fitoterápico. Testemunha também como os corpos dos estudantes gradualmente são disciplinados para habitar o mundo-laboratório, os dilemas dos pesquisadores em face das contingências que decorrem da parceria com a indústria, ao lado de manifestações de preocupação e solidariedade com a comunidade ribeirinha, Nossa Senhora de Nazaré.

Com a mesma atenção, percorre as redes comunitárias estabelecidas às margens do Lago Purupuru, na região do Alto Amazonas, observando as formas ribeirinhas de conhecer, falar e usar as plantas do quintal e da mata, demonstrando, assim, a multiplicidade de mundos no interior mesmo desses coletivos, suas concepções de saúde-doença e os agenciamentos de ribeirinhos sobre as relações de cooperação com pesquisadores da UFAM, na expectativa de atestarem a eficácia terapêutica dos remédios produzidos em sua farmacinha comunitária. Resulta do esforço de Silveira uma narrativa relativamente proporcional a respeito desses diferentes mundos que, ao menos, escapa das leituras maniqueístas, risco que sempre ronda os debates em torno da proteção do conhecimento tradicional.

Por outro lado, apenas a justaposição horizontal dessas etnografias não anula ou tampouco elucida as relações de subordinação existentes ordinariamente entre os conhecimentos tradicionais e a ciência. A despeito de o trabalho de Silveira avançar na experimentação investigativa e narrativa, em nome de uma Antropologia Simétrica, ele não oferece, em contrapartida, alternativas para uma leitura crítica das assimetrias estabelecidas no plano político entre os diferentes sistemas de conhecimento estudados. Pode-se argumentar que um posicionamento crítico feriria a abordagem ontológica pretendida pelo autor. Ainda assim, não se pode deixar de notar o relativo aplainamento das desigualdades – não das diferenças, mas especificamente das assimetrias de poder – como um dos resultados colaterais de sua narrativa. O próprio autor, modestamente, admite oferecer ao leitor um exercício inacabado, porque eminentemente experimental e, nesse sentido, uma obra aberta. isto não se dá por acaso, visto que a noção de rede operada ao longo de todo o trabalho é também fortemente inspirada na experimentação narrativa e analítica proposta e exercitada por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*.

A propósito, as escolhas e os diálogos teóricos estabelecidos por Silveira atualizam constantes trânsitos entre antropologia e filosofia. Há sofisticação, densidade e um significativo número de referências teóricas urdidas no trabalho, exigindo uma leitura, para dizer o mínimo, permanentemente atenta – chegando mesmo a dificultar o exercício de resenhá-lo, dados os limites de uma resenha. Contudo, por vezes, o esforço de enquadramento e articulação teórica dos copiosos dados etnográficos levantados por Silveira quebra a fluência da narrativa e pesa no conjunto do texto, tornando-o bastante exigente ao leitor.

No plano sociológico, *Redes Sociotécnicas na Amazônia* tem o mérito de oferecer a descrição e a análise de dois casos emblemáticos quanto aos ritos que vêm se estabelecendo hoje no Brasil para a obtenção de autorização oficial de acesso a conhecimentos tradicionais, seus dilemas e contradições. A pesquisa realizada pela UFAM e INPA, para fins de desenvolvimento de fitoterápicos, foi a primeira a ser submetida à análise do CGEN visando à autorização de acesso. Grosso modo, o caso informa sobre como pesquisadores têm sido levados a se envolverem com os interesses políticos de seus interlocutores locais – em parte devido às novas determinações legais, mas sobretudo pelos agenciamentos operados pelas comunidades.

O segundo caso, por sua vez, é considerado exemplar pela qualidade do processo de consentimento informado e, posteriormente, a repartição de benefícios não econômicos realizada junto aos povos indígenas envolvidos nas pesquisa sobre agrobiodiversidade e paisagens baniwa do Alto Rio Negro, sob a liderança do ISA e da FOIRN. Este segundo caso informa sobre outras e novas possibilidades de interação entre distintos sistemas de conhecimento, em pesquisas socialmente referenciadas, ou seja, visando à aplicação de seus resultados em ações para o desenvolvimento sustentável. Embora Silveira não pretenda realizar um estudo comparativo, é inevitável não contrastar as duas iniciativas de pesquisa, reconhecendo nesta última uma maior envergadura no que tange aos esforços para recriar as formas de fazer pesquisa, numa relação de maior interação e abertura para a diferença – a despeito dessa abertura ainda se basear no reconhecimento da diferença apenas no plano epistemológico.

As experimentações e as mediações engendradas pelas pesquisas no Alto Rio Negro revelam, de forma mais evidente, as possibilidades de acordos pragmáticos entre pesquisadores e indígenas, sem exigência do estabelecimento de consensos prévios, em termos ontológicos, entre os atores envolvidos no diálogo. Conforme Silveira, e sob a inspiração de Mauro Almeida, o fundamental é indagar se os efeitos do contato entre essas ontologias são bons ou ameaçam as formas particulares de *habitação* do mundo. Um pré-requisito inescapável para a firmação de tais

acordos pragmáticos, portanto, parece ser a abdicação de qualquer premissa de universalidade do objetivismo, fundamento último da ciência ocidental.

Por fim, *Redes sociotécnicas na Amazônia* sugere que as traduções e os agenciamentos já esboçados de parte a parte (por pesquisadores, ribeirinhos e indígenas) inspiram a constituição não só de uma filosofia, mas de uma política referida aos híbridos sociotécnicos resultantes e potenciais dessas conexões entre mundos. Despojada da pretensão de superioridade epistemológica da ciência, poderá ser uma política orientada para o devir do mundo e a multiplicidade de formas de habitá-lo.

O texto de Silveira resulta, assim, em um vigoroso exercício de reflexão sobre os desafios da intercientificidade: como pesquisadores, ribeirinhos e indígenas pensam e praticam seus sistemas de conhecimento, como tem se dado o diálogo entre esses sistemas, seus limites e possibilidades. A despeito da multiplicidade de sítios, objetos e práticas, Silveira demonstra que esses mundos estão conectados por fluxos diversos e multidirecionais. Nesse percurso, parece encarnar o personagem central da litogravura de Escher que, carregando um saco às costas, tem a opção de escolher uma das três direções à sua frente – embora duas delas impliquem desafiar a gravidade, colocar-se em risco ou avançar rumo ao desconhecido.

Notas

[1] Entre os autores da ANT (Actor Network Theory) com quem Silveira dialoga, estão Bruno Latour, John Law e Annemarie Moll.